



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UnICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

JULIANA LEAL ALVIM
LAURA RODRIGUES FURTADO

**A RUA FALA – BRASÍLIA, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO: RELAÇÕES ENTRE
EXPRESSÃO VIA INTERVENÇÕES VISUAIS URBANAS, PROCESSOS SÓCIO-
CULTURAIS E MORFOLOGIA URBANA.**

BRASÍLIA

2018



JULIANA LEAL ALVIM
LAURA RODRIGUES FURTADO

**A RUA FALA – BRASÍLIA, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO: RELAÇÕES ENTRE
EXPRESSÃO VIA INTERVENÇÕES VISUAIS URBANAS, PROCESSOS SÓCIO-
CULTURAIS E MORFOLOGIA URBANA.**

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica
apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e
Pesquisa pela Faculdade de Tecnologia e Ciências
Sociais Aplicadas – FATECS.

Orientação: Profa. Úrsula Betina Diesel

BRASÍLIA

2018

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a todos os habitantes que amam suas cidades e constroem, a cada dia, uma ambientação urbana, por meio de suas interações com o espaço.

A todos os “makers” das cidades, o nosso carinho e admiração!

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer:

Às nossas famílias pelo apoio e incentivo;

À professora Úrsula pela paciência e pelo aprendizado proporcionado, e à sua família, pela colaboração com o projeto.;

Aos nossos colegas de pesquisa Rodrigo Rodrigues e Cezar Augusto, pelo apoio e parceria;

Aos alunos do curso de comunicação do UniCEUB, pela força nas oficinas de produção dos azulejos;

À vovó Ruth, que ajudou nas intervenções feitas em São Paulo e embarcou nessa viagem de cabeça;

Aos queridos Guilherme e Eliane Trindade, que acompanharam algumas intervenções em São Paulo e nos ajudaram;

Ao Lucas, que conhecemos na Lagoa Rodrigo de Freitas, e se dispôs a colar um azulejo em seu bairro;

Aos amigos queridos Bia, Fred, Dedé, Mari, Mohamad, Vini, Dessa, Ana, Rafael, Bruna, Babi e Bia Cidade que se fizeram presentes e deram todo apoio nas intervenções do Rio de Janeiro;

Às meninas da assessoria de pesquisa do UniCEUB, sempre dispostas, solícitas e prestativas;

À equipe de marketing do UniCEUB,

A todos os que participaram de alguma forma, e fizeram o projeto “A Rua Fala” acontecer doando um pouquinho de si mesmos, o nosso MUITO OBRIGADA!

Nosso coração transborda de alegria e admiração por todos vocês e expressamos os mais sinceros votos de gratidão!

“O sabor da maçã está no contato da fruta com o palato, não na fruta em si; da mesma maneira a poesia está no encontro do poema com o leitor, não nas linhas dos símbolos impressos nas páginas de um livro. O que é essencial é o ato estético, a vibração, a emoção quase física que surge com cada leitura.”

Jorge Luis Borges

“Que outra coisa o pintor ou o poeta poderia expressar senão seu encontro com o mundo?”

Maurice Merleau-Ponty

A RUA FALA – BRASÍLIA, RIO DE JANEIRO, SÃO PAULO: RELAÇÕES ENTRE EXPRESSÃO VIA INTERVENÇÕES VISUAIS URBANAS, PROCESSOS SÓCIO-CULTURAIS E MORFOLOGIA URBANA.

Juliana Leal Alvim – UniCEUB, PIC Institucional, aluno bolsista
alvim.juju@gmail.com

Laura Rodrigues Furtado – UniCEUB, PIC institucional, aluno voluntário
furtadolaurar@gmail.com

Ursula Betina Diesel – UniCEUB, professora orientadora
ursula.diesel@ceub.edu.br

A arte de rua ou intervenções visuais urbanas são registros visuais que propiciam reatividade e ocorrem no espaço público. Poderiam então determinar um modo de comunicação? Fizemos deste estudo nosso objetivo e a partir dessa percepção partimos da hipótese de intervenções visuais urbanas serem estruturantes no contexto de cidade e senso de pertencimento de seus cidadãos, inseridas como vivência urbana. Pois permitem a (re)construção, ocupação e identificação com o lugar. Para isso analisamos três grandes capitais brasileiras: Brasília – capital nacional, Rio de Janeiro e São Paulo, nossas maiores metrópoles e as cidades mais populosas do Brasil segundo o IBGE. Consideramos suas diferentes funções, população, história, morfologia e intervenções. O estudo bibliográfico, a vivência pelo espaço e o registro fotográfico se fizeram essenciais para a compreensão do tema e configuraram nossa metodologia. No entanto, também quisemos entregar um produto final para aquilo e aqueles que foram nossos objetos de estudo. Produzimos então mais de 100 azulejos de 10x10cm, pintados com diferentes desenhos, mas sempre com a “#aruafala”. Junto a alunos, em sua maioria de Comunicação Social de ensino superior, realizamos 2 oficinas de confecção de azulejos. Criamos o Instagram “@a.Rua.fala” para divulgação de fotos e vídeos, interação com os alunos e demais cidadãos, e para fomentar o debate sobre questões urbanas. Depois, colamos tais azulejos em espaços públicos das três cidades mencionadas, em mais de 5 bairros com distintas morfologias em cada uma delas. Observamos a coexistência de pessoas nas ruas, a forma como se apropriavam do ambiente urbano, os modais existentes, a presença ou ausência de mobiliário urbano, dentre outros parâmetros. Fotografamos tais espaços e sua utilização pelo pedestre, bem como os azulejos colados e seu contexto. Editamos as imagens e as relacionamos com as bibliografias analisadas. E concluímos que a arquitetura proporciona interação direta com o usuário (e vice-versa), num processo de construção mútua, principalmente quando se trata do espaço urbano e coletivo. A arquitetura não é um fim em si mesma, vem para prestar um serviço à sociedade, independente de estereótipos e de quem seja. Mais ainda, ela articula a pessoa ao espaço - à estrutura física e à imaterial. É ponte, pois estabelece conexão e age como facilitadora de relações. Ora, seria ela então uma forma de arte? Também! Assim, a arte de rua e a cidade se fundem. E enquanto a norma padrão é cada um cuida do seu espaço, as intervenções vêm com esse caráter transgressor, são disruptivas e dão às pessoas espaço de fala. Cria-se então uma ambientação para o palco da vida urbana acontecer com potencial de transformar e ressignificar a cidade.

Palavras-Chave: Arte urbana. Arquitetura Urbana. Espaço público. Identidade. Lugar.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
2.1. Comunicação na dinâmica urbana	10
2.2. Interação social através de mensagens	10
2.3. Comunicação como geradora de sentidos e signos	11
2.4. Meios de comunicação como extensão do humano	12
3. METODOLOGIA	14
3.1. Caracterização das cidades em estudo	14
3.2. Explicação da metodologia	19
3.3. Produtos gerados	20
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	24
4.1. Produtos gerados	24
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	41
Apêndice A – Brasília	41
Apêndice B – Rio de Janeiro	42
Apêndice C – São Paulo	43
Apêndice D - e-mail	45

1. INTRODUÇÃO

Este estudo sobre as cidades de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, analisa como as intervenções visuais têm ocupado espaço e merecido maior atenção. Seja por sua adequação à lógica de mercado, no formato de arte e intervenção “comprada”, seja marcadamente por seu caráter de ocupação do espaço e manifestação espontânea, de indivíduos ou de coletivos.

Entende-se que essas intervenções têm caráter comunicativo e de propósito transformador na esfera coletiva. E que ao almejar a construção de cidades melhores, deve-se levar em consideração tais fatores, já que cidades inteligentes representam, expressam e dão às pessoas espaço de fala. Afinal, somos seres sociais e comunicativos.

A vida na urbe conduz ainda à necessidade de se observar a morfologia urbana, que constitui a “ciência que estuda as formas, interligando-as com os fenômenos que lhes deram origem” (LAMAS, 1993), ou seja, o conhecimento do meio urbano, suas características e sua dinâmica.

Grafites, pichações, colagens e projeções são elementos que invadem o espaço urbano e o constituem. Destacam-se, cutucam, provocam e rompem o isolamento comunitário, muitas vezes impostos a grande parte da população. Para serem vistos têm como suporte paredes/muros que não só ouvem, mas falam, e são usados como meio para romper esse isolamento, como espaço de manifestação, visibilidade e ação. Poderiam então determinar um modo de comunicação?

Construir a compreensão relativa às intervenções visuais urbanas foi o objetivo central aqui presente, a partir de um viés qualitativo. Levantou-se então a hipótese de intervenções visuais urbanas serem estruturantes no contexto de cidade e senso de pertencimento de seus cidadãos, inseridas como vivência urbana. Pois permitem a (re)construção, ocupação e identificação com o lugar.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Comunicação na dinâmica urbana

O interesse por melhor observar e estudar as intervenções visuais urbanas, enquanto meio de comunicação, delineia-se na forte percepção de sua presença nos espaços relacionados a uma dinâmica, cada vez mais evidente, de busca pela “ocupação” da cidade pelos seus habitantes. Segundo a escritora e ativista política Jane Jacobs (2011), é necessário observar a “grande praga da monotonia” que assola as ruas das cidades. Conforme a autora, as cidades globalizadas têm a tendência de apresentar os mesmos problemas, relacionados à dinâmica da vida urbana.

Quanto a isso, vale lembrar que um dos fatores atuantes na dinâmica urbana é o aspecto arquitetônico do espaço. A arquitetura define-se, hoje, por orientar-se pela possibilidade de ação proporcionável ao habitante, ou seja, a arquitetura não é um fim em si mesma, mas vem para prestar um serviço aos indivíduos que compõem a sociedade. Ela os articula ao espaço, à estrutura física - e também imaterial - para fazer uma ponte, ser a conexão e a facilitadora (PALLASMAA, 2011). O espaço arquitetônico não é apenas físico, transcende a geometria, pois também perpassa outras esferas imensuráveis, como a verbal, a de experimentar e viver a arquitetura. É aí que entram as manifestações visuais urbanas, com seu potencial de mudar a atmosfera e ressignificar o espaço e sua vivência.

Assim, parece cogitável que a comunicação funcione como um dos pilares estruturadores do espaço urbano, possibilitando sua caracterização, concretizando sua visibilidade e seu viés cultural. Percebe-se que o próprio suporte das intervenções visuais urbanas (paredes/muros/postes) guarda em si, em perspectiva histórica, a problemática delimitadora e de contenção da manifestação humana em sua vivência no coletivo. Ou seja, as intervenções como grafites e pichações aparecem, primeiro, como reação a essa superfície divisória, separadora, opressora. (RUSSI, 2015). Essas ações são usadas na busca do rompimento do isolamento individual, como espaço de manifestação e visibilidade coletiva.

2.2. Interação social através de mensagens

Entre as várias definições do termo comunicação resgatadas por Santaella, em Comunicação e Pesquisa, destaca-se a sintética formulação que pontua o caráter complexo e multidisciplinar da comunicação e a coloca como “interação

social através de mensagens” (FISKE, 1990, apud SANTAELLA, 2001, p. 16). Tal percepção da comunicação como agente social, de interação é elemento relevante na observação de grafites e pichações como práticas discursivas. Caracterizam-se como autênticas propostas de comunicação, que estimulam um jogo interpretativo, já que “son textos plenos de simbología, son trazos que sugieren más de lo que explican” (RUSSI, 2015, p. 26)¹

Deste modo, pode-se perceber o potencial comunicativo nas intervenções visuais urbanas na direção de um exercício estratégico de poder, como diz Martino: “É, pois, no contraste cultural e no impulso de superar as diferenças que a comunicação se torna visível e supera os entorpecimentos das relações comunitárias.” (In: HOHLFELDT et al (orgs.), 2001, p. 19)

2.3. Comunicação como geradora de sentidos e signos

Ressalte-se que intervenções visuais urbanas podem ser entendidas como atos de sentido, cujo potencial de ação transformadora clama por análise, como “ação e intenção de consciências que constituem aquilo (suporte) como meio de comunicação. Assim, convém compreender a comunicação como transformação ao invés de simples transferência/deslocamento de dados.” (RUSSI. In: RUSSI, 2013, p. 49)

Compreende-se que o funcionamento da linguagem configura possibilidades comunicativas que transcendem os suportes usados (nesse caso, principalmente paredes e muros) e ativam potenciais de interação, diálogo, encontro a partir das situações de percepção e decifração das mensagens pela cidade. A partir das intervenções visuais urbanas vislumbra-se o estímulo a uma força interpretativa, “un tipo de acción ciudadana, no necesariamente consciente en los distintos ciudadanos cooperantes, que actúa desde diferentes medios sobre la percepción social y es dirigida contra la institucionalidad dominante.” (SILVA, 2006)²

Na semiótica “é possível perceber como as representações constituem mediação das relações sociais que falam através dos signos e códigos e, sobretudo, daquela lógica que estrutura e organiza suas manifestações fenomênicas e

1 Tradução do espanhol "são textos cheios de simbologia, são traços que sugerem mais do que explicam"

2 Tradução do espanhol "um tipo de ação cidadã, não necessariamente consciente nos diferentes cidadãos cooperantes, que atua desde diferentes mídias sobre a percepção social e é dirigida contra a institucionalidade dominante."

cotidianas” (FERRARA, 2004).

Além disso, o processo comunicativo pode ser entendido como um processo de semiose, pois tanto as relações comunicativas quanto os vínculos comunicativos, que são interações comunicativas através dos meios de comunicação, geram ambientes comunicativos “propícios à semiose, à interação e à interface dos meios e veículos (FERRARA, 2004)”.

Para tanto, vale resgatar a definição peirceana de signo, em que “um signo, ou representâmen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo. O signo representa alguma coisa, seu objeto”. (PEIRCE, 2000, p. 46)

2.4. Meios de comunicação como extensão do humano

Assim, as intervenções visuais urbanas podem ser percebidas como mensagens que ativam representações, ou seja, configuram aqui o representâmen, que se dirige às pessoas (nas diferentes posições de produção e reconhecimento/ressignificação das mesmas) e instaura o movimento sígnico, o jogo interpretativo, em suas diversas instâncias de sentido, referindo, nesse caso, a vivência urbana e de coletividade. Desse modo, o aspecto peirceano de secundidade, de caráter indicial, apresenta-se como elemento chave na experiência desencadeadora e desencadeante desse tipo de prática discursiva urbana. Logo, o próprio ato da presença deve ser analisado como constituinte das estéticas das manifestações visuais urbanas. Estas podem ser caracterizadas como índice de existência, de participação, de pensamento, ou seja, como “provocação de uma experiência que pode ser denominada como estética.” (RUSSI, 2013, p. 45-46)

McLuhan (2007), já na década de 1960, definia os meios de comunicação como extensões do humano, o que, neste projeto, se configura de modo muito concreto. A cidade pode ser entendida como o meio (enquanto recurso), no qual nos situamos e que deveria ser nossa extensão, representar-nos, ampliar nossas condições. Mas, subjugada a uma lógica de consumo e não de humanidade, falha nessa perspectiva e oferece-nos, em troca, espaços de transgressão. Aí entram as intervenções urbanas, que, sim, expressam falas dissonantes, pressupostamente apagadas na lógica vigente e que, portanto, podem prolongar nossas percepções do

real, representar nossa vivência do urbano e coletivo. Deste modo, o próprio espaço público passa a constituir extensão dos seus ocupantes, dos habitantes da cidade. Logo, é coerente afirmar que as mensagens pela cidade chamam à consciência do pertencimento, ao vínculo com o ambiente habitado.

No entanto, pode-se observar que as mudanças que as cidades sofreram cronologicamente, de acordo com as formas de produção e funções sociais, levaram a uma nova percepção do que é público e privado. Assim, originalmente as cidades deveriam constituir-se como espaços públicos, de vida pública e serviços públicos. Para Habermas (1987), o espaço público configura um ambiente democrático para a comunicação, de uso comum e posse de todas as pessoas. Percebe-se, porém que essa dinâmica transferiu-se para a esfera privada.

O aspecto ideológico constituinte de vivência cultural pode ser considerado em relação às noções de transgressão e/ou embelezamento que costumam ser associadas a intervenções visuais urbanas.

3. METODOLOGIA

3.1. Caracterização das cidades em estudo

Foram analisadas três grandes capitais brasileiras: Brasília (capital nacional), Rio de Janeiro e São Paulo - nossas maiores metrópoles e as cidades mais populosas do Brasil segundo pesquisa do IBGE de 2017. Consideramos suas diferentes funções, população, história, morfologia e intervenções.

Brasília

Capital do país e cidade tombada como patrimônio mundial da UNESCO. Contempla diversas obras de Niemeyer, o mais renomado arquiteto brasileiro, e foi planejada pelo arquiteto e urbanista Lúcio Costa. Inaugurada em 1960, possui traçado modernista, o que implica dizer que há setorização de funções - como observado nos Setores Comerciais Sul e Norte, na região central.

Figura 1 – Dinâmica urbana no centro de Brasília



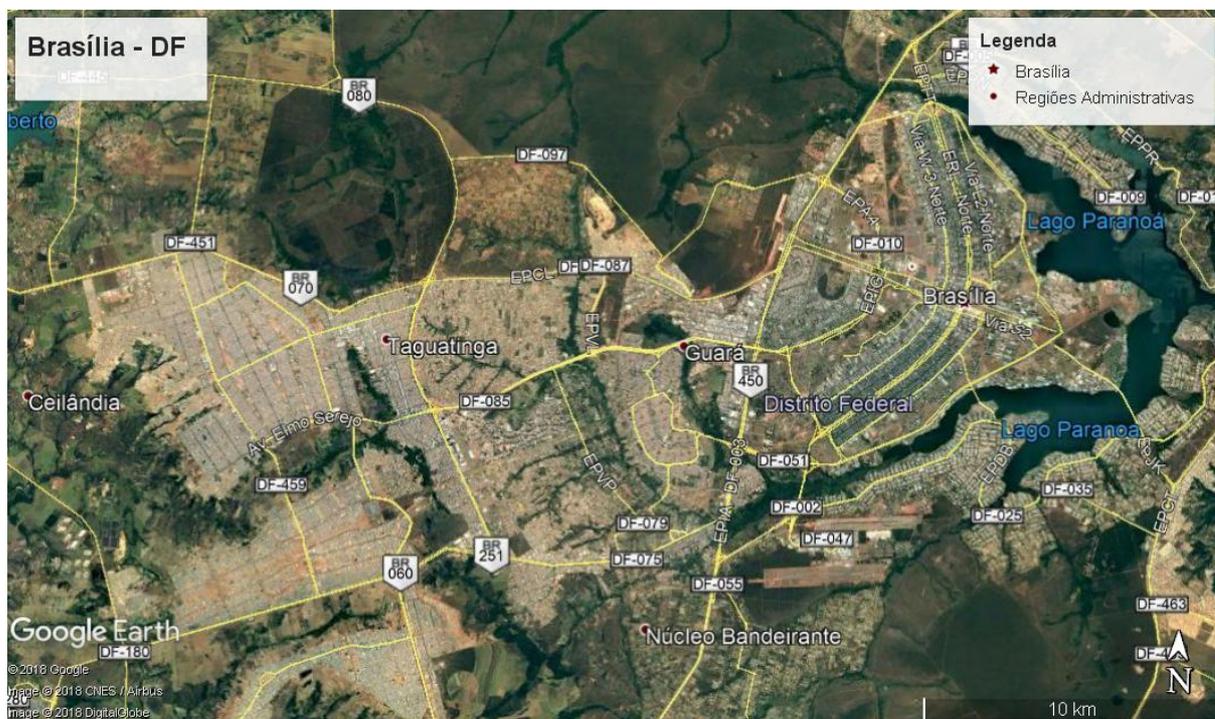
Fonte: ALVIM (2017)

Legenda: foto tirada de topo de edifício no Setor Comercial Sul

É uma cidade bastante horizontalizada e que começou há pouco tempo a desenvolver novas centralidades. Possui função principal político administrativa, mas tem buscado novas propostas como a industrial e de pesquisa e tecnologia. Como consequência dessa nova mentalidade que vem se consolidando pela cidade houve a inauguração, neste ano de 2018, do Parque Tecnológico Biotic, localizado na

Granja do Torto. O qual sediará diferentes startups e contemplará novos empregos para o DF. A região metropolitana de Brasília tem crescido cada vez mais, contemplando não só o Distrito Federal, mas também Goiás e parte de Minas Gerais.

Figura 2 – Recorte região metropolitana de Brasília



Fonte: Google Earth

Legenda: área de Brasília com escala gráfica de 10 km

Rio de Janeiro

A cidade brasileira mais conhecida no exterior, famosa por sua paisagem exuberante, seu povo e cultura, é o maior destino procurado da América do Sul segundo pesquisa do Globo, 2010. Tanto que leva o título mundial por contemplar uma das 7 maravilhas do mundo. Fundada em 1565 e capital brasileira por quase 200 anos, antecedendo Brasília, o Rio respira história em cada esquina. É uma das cidades litorâneas mais bonitas do mundo; contemplou inúmeras revoltas, reformas urbanas, palco de expedições e do período imperial, foi ainda inspiração para diversos artistas e compositores brasileiros. Devido à sua localização estratégica na Baía de Guanabara já teve importante prestígio portuário e comercial. Teve sua economia impulsionada pelos ciclos do ouro, da cana de açúcar e do café.

Figura 3 – Dinâmica urbana no Rio de Janeiro

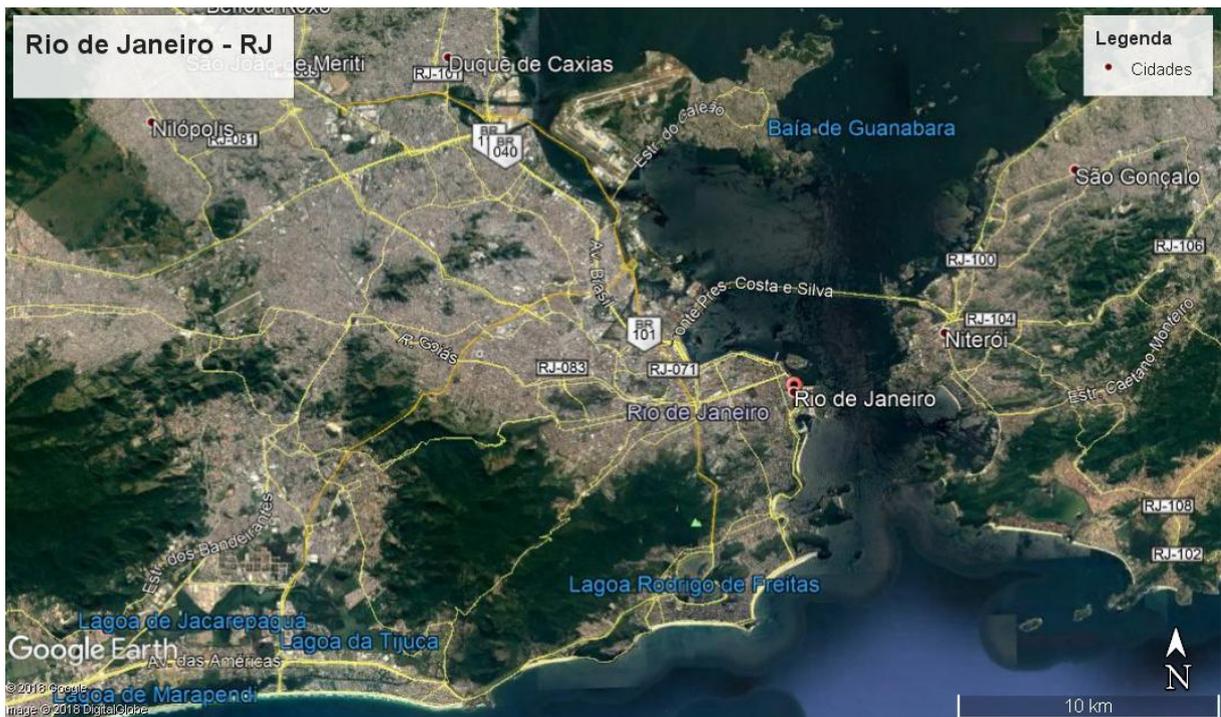


Fonte: ALVIM (2017)

Legenda: foto do calçadão de Ipanema com o Morro Dois Irmãos ao fundo

A região metropolitana do Rio de Janeiro, ou Grande Rio, nasceu da Lei Complementar nº20, de 1974, ao unir as áreas do Grande Rio Fluminense, intensa conurbação com os municípios vizinhos, e da Grande Niterói. É hoje é o principal ponto atrator de turismo do país inteiro e a segunda maior metrópole brasileira, depois de São Paulo. É uma cidade muito conhecida pela violência e pelas discrepâncias entre classes sociais. Em que é possível ver residenciais de luxo separados por muros da favela no morro. Também pode-se encontrar edifícios históricos, entre os relevos e belas praias, centros industriais, *startups* e importantes polos de cultura e esporte. Contempla desde a arquitetura colonial brasileira com os Arcos da Lapa, por exemplo, à arquitetura contemporânea com o Museu do Amanhã do arquiteto espanhol Calatrava, perpassando ainda pelo período eclético, como atesta o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. A cidade é profusão e diversidade sem fim.

Figura 4 – Recorte região metropolitana do Rio de Janeiro



Fonte: Google Earth

Legenda: área do Rio de Janeiro com escala gráfica de 10 km

São Paulo

Uma das cidades mais antigas do Brasil, repleta de história. Fundada em 1532, teve seu início marcado pelos bandeirantes à procura de ouro na região sudeste do país. Testemunhou a Independência, proclamada por D. Pedro I, em 1822. A região enriqueceu bastante com o ciclo do café, período em que recebeu diversos imigrantes após a abolição da escravidão em 1888. Posteriormente houve grande desenvolvimento industrial e econômico, com foco especial para a indústria automobilística no ABC Paulista.

Figura 5 – Dinâmica urbana em São Paulo

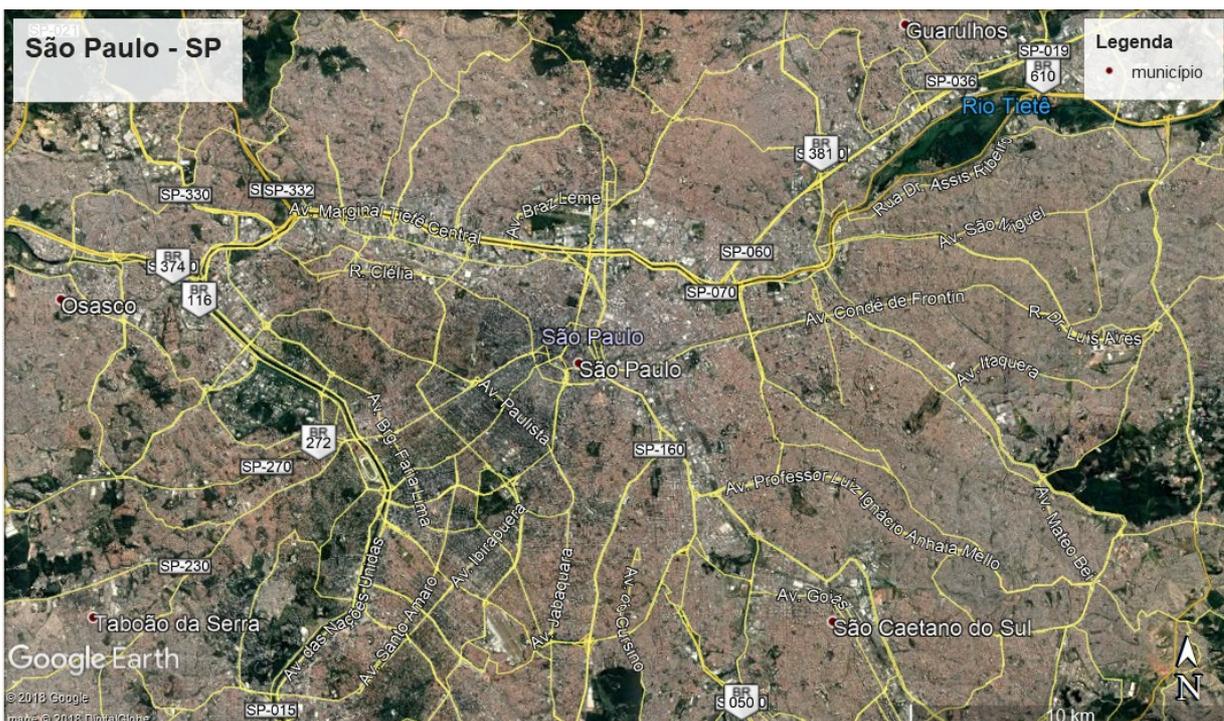


Fonte: ALVIM (2018)

Legenda: foto da Avenida Paulista com o MASP ao fundo

A partir da década de 60 São Paulo tornou-se a maior cidade da América do Sul. E atualmente constitui a maior metrópole brasileira e a quarta mais populosa do mundo, segundo estimativas populacionais do IBGE para 2017. À frente estão Tóquio, Seul e Cidade do México, nesta ordem. SP é um importante centro financeiro, industrial e cultural do país e do mundo. A cidade não dorme, é efervescente e pulsante. Abriga diversas nacionalidades e possui o maior reduto da comunidade japonesa fora do Japão, localizado em um bairro específico, a Liberdade.

Figura 6 – Recorte região metropolitana de São Paulo



Fonte: Google Earth

Legenda: área de São Paulo com escala gráfica de 10 km

3.2. Explicação da metodologia

O estudo bibliográfico, a vivência pelo espaço e o registro fotográfico se fizeram essenciais para a compreensão do tema e configuraram nossa metodologia, de cunho exploratório. Isso pois “tem como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores” (GIL, 1999, p. 46).

Estudo exploratório

Optou-se pelo estudo exploratório por ser uma abordagem que procura entender o objeto de pesquisa sem pretender verdades. É um movimento de aproximação e estudo, que compreende que aquela realidade é complexa e merece mais aprofundamento.

Dessa forma, percebeu-se melhor a realidade estético-comunicacional que constitui as grandes cidades brasileiras que são Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo - via observação participativa de intervenções visuais nesses espaços. Participativa pois interagiu-se com as pessoas e houve atuação tanto na produção quanto na colagem de azulejos, explanadas mais à frente.

Segundo Gil (2008, p. 46) “a observação dos fatos constitui o procedimento fundamental na construção de hipóteses. O estabelecimento assimétrico de relações entre fatos no dia-a-dia é que fornece os indícios para a solução dos problemas propostos pela ciência.” por isso a pesquisa de campo se fez tão necessária.

A observação sob intervenções visuais urbanas nas cidades escolhidas e seu levantamento fotográfico pode ser entendido metodologicamente como pesquisa documental primária, pois “Peirce define o signo fotográfico com respeito à sua relação com o objeto (a secundidade do signo), por um lado, como ícone; por outro, como índice”. (SANTAELLA, 2004, p. 110). Isto é, fotos são, de certa maneira, a representação idêntica dos objetos representados, o registro de sua existência e realidade em frente à câmera. Ressalte-se, entretanto, que não foram as fotografias o objeto analisado. Este foi apenas o recurso de coleta do observado e, portanto, de documentação primária do que está em análise.

3.3. Produtos gerados

Azulejos – confecção e oficinas

Foram feitos mais de 100 azulejos pintados à mão com o objetivo de deixar um produto palpável para a comunidade que vinha a ser objeto de pesquisa junto ao meio urbano. Foram feitos diferentes desenhos e sempre havia a “#aruafala”. O intuito era não só estudar as intervenções de forma ativa mas também participar da ação interventiva. E assim incentivar as pessoas a buscarem # mencionada nas redes sociais e fomentar o debate na cena da arte de rua.

Inicialmente as pesquisadoras pintaram sozinhas e junto a familiares e amigos tais azulejos, em especial os que foram levados à cidade do Rio de Janeiro. Utilizaram caneta caneta Posca³ e canetas permanentes.

Fora descartada a possibilidade de utilizar *stencil*⁴ para fazer as intervenções tendo em vista a maior praticidade, segurança e agilidade para locomoção no espaço público. Já que o azulejo já estaria pronto e seria apenas colado. Foi escolhido o elemento azulejo por ser marcadamente um símbolo de Brasília (azulejos de Athos Bulcão), dessa forma buscou-se uma manifestação de gentileza

3 Caneta multiuso de secagem rápida e boa cobertura, muito utilizada em desenhos feitos em parede.

4 Técnica utilizada geralmente com folha de acetato perfurada e tinta para deixar um desenho sob certo suporte.

urbana para as demais cidades (LERNER, 2011). Como um presente de uma cidade – Brasília, cidade natal das pesquisadoras - às outras – Rio e São Paulo.

Cada azulejo era diferente um do outro e houve a intenção de fazer paralelos com os locais em que seriam colados. Na fotografia abaixo, por exemplo, percebe-se um símbolo botânico no azulejo colado em frente ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Assim como essa, outras analogias foram feitas.

Figura 7 – Azulejo colado em frente ao Jardim Botânico do RJ



Fonte: ALVIM (2017)

Posteriormente foram realizadas 2 oficinas de desenhos em azulejos com alunos em sua maioria de ensino superior do curso de comunicação social. Os convites foram feitos por meio de banner colado em murais da faculdade (ver apêndice D), explanações orais feitas em sala a respeito do evento e por meio da agência de marketing do UniCeub, que divulgou o evento em suas redes sociais.

As pesquisadoras conduziram as oficinas e cuidaram da pós produção dos azulejos (verniz), fotografias e posterior divulgação no Instagram @a.rua.fala.

Criação do Instagram @a.rua.fala

Não foi antes previsto, no entanto viu-se a necessidade de integração a um meio digital para divulgar algumas fotos da pesquisa, das cidades e dos azulejos colados, e para fomentar o debate acerca do tema, gerando assim bastante interação, informações e provocações mútuas.

Assim, o @a.rua.fala, gerado no decorrer da pesquisa, endossa mais uma vez a observação participativa aos espaços em análise, já que as pesquisadoras se integraram e buscaram um grau de colaboração.

Azulejos - Colagens e Viagens

É esse imbricamento entre a vida em grandes cidades e a ação de comunicar-se via paredes, muros, viadutos, postes, asfalto o foco de estudo deste projeto. Para tanto, optou-se por escolher 3 grandes capitais referência em termos culturais e de projeção em relação ao tema: Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

Logo, parte fundamental deste projeto de pesquisa se caracterizou pelo contato direto com as ruas das capitais escolhidas. Foi feita uma viagem de aproximadamente 1 semana para o Rio de Janeiro, em novembro de 2017, e outra para São Paulo, ao final de abril de 2018. Em que uma das pesquisadoras se deslocou e custeou a viagem para levar os azulejos e realizar a pesquisa. Houve a companhia de amigos e familiares em ambas.

Já em Brasília as visitas ocorreram ao longo dos 2 semestres, tendo em vista a facilidade de acesso aos lugares por parte das pesquisadoras, residentes de Brasília.

Inicialmente utilizou-se fita dupla face adesiva fixa forte, tanto em alguns locais de Brasília quanto do Rio. No entanto, posteriormente, já na viagem de São Paulo, utilizou-se cola de alta viscosidade adesivo instantâneo multiuso. Pois percebeu-se que a fixação seria melhor. Os demais azulejos colados em Brasília já foram fixados com essa cola.

Percebeu-se que era bem mais prático portar dois ou três azulejos na bolsa para colar em locais pelos quais já estivéssemos passando e para que a intervenção ocorresse de forma um pouco mais “natural”, pelo menos em Brasília.

Como um todo, este estudo adotou um prisma qualitativo, caracterizado como “um fenômeno que melhor (se) faz compreender o contexto do qual faz parte o objeto estudado e pode(ndo) ser analisado de uma forma integrada.” (GODOY,

2016). O que se buscou, portanto, foi aliar a compreensão conceitual ao jogo interpretativo, procurando construir perguntas e elaborar respostas (BRAGA, 2011).

E por fim, o material observado, registrado fotograficamente e resultado da interação provocada via Instagram com a hashtag, foi analisado em uma perspectiva semio-discursiva, ou seja, sob a ótica tanto da abordagem semiótica quanto da análise discursiva.

Ressalta-se que não se trata aqui de eliminar ângulos interpretativos, de descartar insights ou de fugir da construção conceitual ou da fundamentação que orienta o olhar sobre o objeto. Uma boa pesquisa elabora estas e outras démarches mais abstratas, alimentadas pelo conhecimento teórico. Apenas, aciona estes elementos menos materiais submetendo-os ao crivo do enfrentamento das coisas. Não podem ser desenvolvidos e elaborados apenas com base em uma sabedoria verbal, argumentativa, especulativa e abstrata. O trabalho metodológico corresponde, na pesquisa empírica, a pôr tais elementos abstratos a serviço de um problema-eixo, voltado para efetivas descobertas. (BRAGA, 2011, p. 6) E foi esse viés que buscou-se analisar com a presente metodologia, para obter-se uma análise mais ampla e focada na vivência humana da cidade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Optou-se por entregar um produto final para aquilo e aqueles que foram objetos de estudo durante a pesquisa, dessa forma, foram feitos diversos azulejos, aproximadamente 40 para cada cidade em estudo.

Criou-se o Instagram “@a.rua.fala” para divulgação de fotos e vídeos, interação com os alunos e demais cidadãos, e para fomentar o debate sobre questões urbanas.

Depois, esses azulejos foram colados em espaços públicos das três cidades mencionadas, em cerca de 10 bairros com distintas morfologias em cada uma delas. Observou-se a coexistência de pessoas nas ruas, a forma como se apropriavam do ambiente urbano, os modais existentes, a presença ou ausência de mobiliário urbano, dentre outros parâmetros. Tais espaços foram fotografados, bem como sua utilização pelo pedestre, os azulejos colados e seu contexto. As imagens foram editadas e as relacionadas com as bibliografias analisadas pelas pesquisadoras.

4.1. Produtos gerados

Azulejos – confecção e oficinas

Foram produzidos cerca de 120 azulejos de 10x10cm, pintados com diferentes desenhos, mas sempre com a “#aruafala”.

Figura 8 – 1º azulejo fotografado na pesquisa, em Brasília

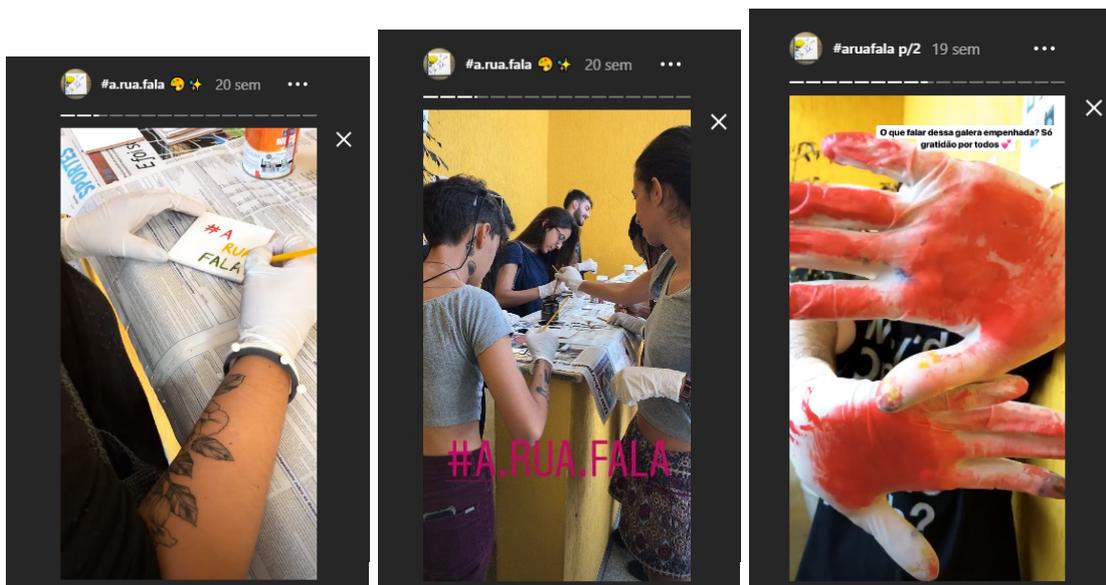


Fonte: ALVIM (2018)

Junto a alunos, em sua maioria de Comunicação Social de ensino superior, foram realizadas 2 oficinas de confecção de azulejos em semanas subsequentes.

A primeira oficina de confecção de azulejos deu tão certo e teve uma repercussão tão boa que houve demanda para realizar uma 2ª edição no mesmo local. No entanto, enquanto a primeira ocorreu numa terça-feira, optou-se por realizar a segunda numa quarta-feira para contemplar mais alunos. As pesquisadoras levaram os azulejos, tintas, pinceis, luvas e jornais para a realização da proposta, que durou cerca de 45 minutos, no meio da manhã dos dias mencionados e contava com uma explanação do tema da pesquisa.

Figura 9 – Oficina de produção de produção de azulejos para intervenções



Fonte: Instagram @a.rua.fala

Participaram cerca de 20 alunos em cada dia, que faziam seus próprios azulejos livremente, desde que houvesse a “#aruafala”. Depois eram fotografados com os produtos e davam lugar a outros interessados. Também foi possível confeccionar mais de um azulejo.

Após as oficinas as pesquisadoras deixavam os azulejos secar em local reservado e depois passavam verniz para proteger melhor as peças.

Os produtos foram levados para a viagem de São Paulo (a do Rio de Janeiro já havia sido realizada) e o restante foi colado em Brasília.

Criação do Instagram @a.rua.fala

Abaixo, perfil do Instagram criado pelas pesquisadoras para fomentar o debate envolvendo os estudos propostos e as intervenções visuais urbanas.

Figura 10 – perfil do Instagram criado: @a.rua.fala



Fonte: Instagram @a.rua.fala

Percebeu-se a necessidade de criação do Instagram ao final de fevereiro, antes mesmo das oficinas ocorrerem. Dessa forma, seria possível reunir as imagens da pesquisa num só local de forma prática, acessível e rápida. Além de fomentar o debate acerca do tema em estudo e estabelecer um diálogo com a comunidade.

Primeiro post no Instagram “@a.rua.fala”, cuja legenda foi “Welcome! Cada muro/parede conta uma história. 📸❤️✍️ Este Instagram tem como finalidade transmitir as artes de rua manifestadas nas Cidades. Somos alimentados pela hashtag #aruafala e por sugestões via direct. Sejam bem vindos ao @a.rua.fala 🙌”

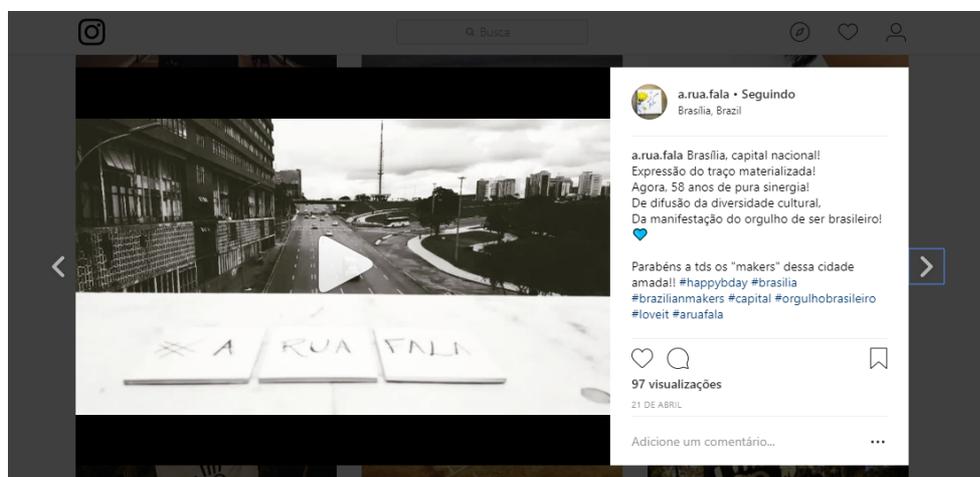
Figura 11 – 1º post no Instagram @a.rua.fala



Fonte: Instagram @a.rua.fala

Post feito em comemoração ao aniversário de 58 anos Brasília, cuja legenda foi “Brasília, capital nacional!
Expressão do traço materializada!
Agora, 58 anos de pura sinergia!
De difusão da diversidade cultural,
Da manifestação do orgulho de ser brasileiro! ❤️
Parabéns a tds os "makers" dessa cidade amada!! #happybday #brasil
#brazilianmakers #capital #orgulhobrasileiro #loveit #aruafala”

Figura 12 – post feito no aniversário de Brasília



Fonte: Instagram @a.rua.fala

A rede social foi também um canal de comunicação com os alunos participantes das oficinas. Assim, eles poderiam acompanhar a colagem de seus azulejos durante as viagens.

Post feito após a primeira Oficina de azulejos com a 1ª intervenção feita no UniCeub, localizada na parede entre o bloco 12 e a praça de alimentação central, cuja legenda foi “Intervenção #dodia ! 🍷 #aruafala #artederua #shapeyourcity”.

Figura 13 – post referente ao 1º azulejo colado no UniCeub



Fonte: Instagram @a.rua.fala

Já o post abaixo foi resultante de interação realizada enquanto uma das pesquisadoras colava azulejos ao pedalar em torno da extensão da Lagoa Rodrigo de Freitas. Ela encontrou dois moradores locais, de bairro mais afastado do centro do Rio de Janeiro, que eram amigos e estavam andando na pista de skate. Os três conversaram sobre a pesquisa e eles gentilmente se dispuseram a colar os azulejos da foto em seus bairros.

Figura14 - post resultante de interação feita com residentes locais - RJ



Fonte: Instagram @te__ve

Azulejos – colagens e viagens

O intuito aqui era colher impressões no deslocar-se pela cidade, registrar fotograficamente intervenções visuais, conversar informalmente com transeuntes, observar as vivências constituintes desses espaços e o trânsito de pessoas nos locais observados, como forma de constatar a vida caracterizante dos lugares. Além de deixar uma marca nesses espaços em forma de intervenção, feita por meio da colagem dos azulejos.

Figura 15 - localização das 3 cidades em estudo



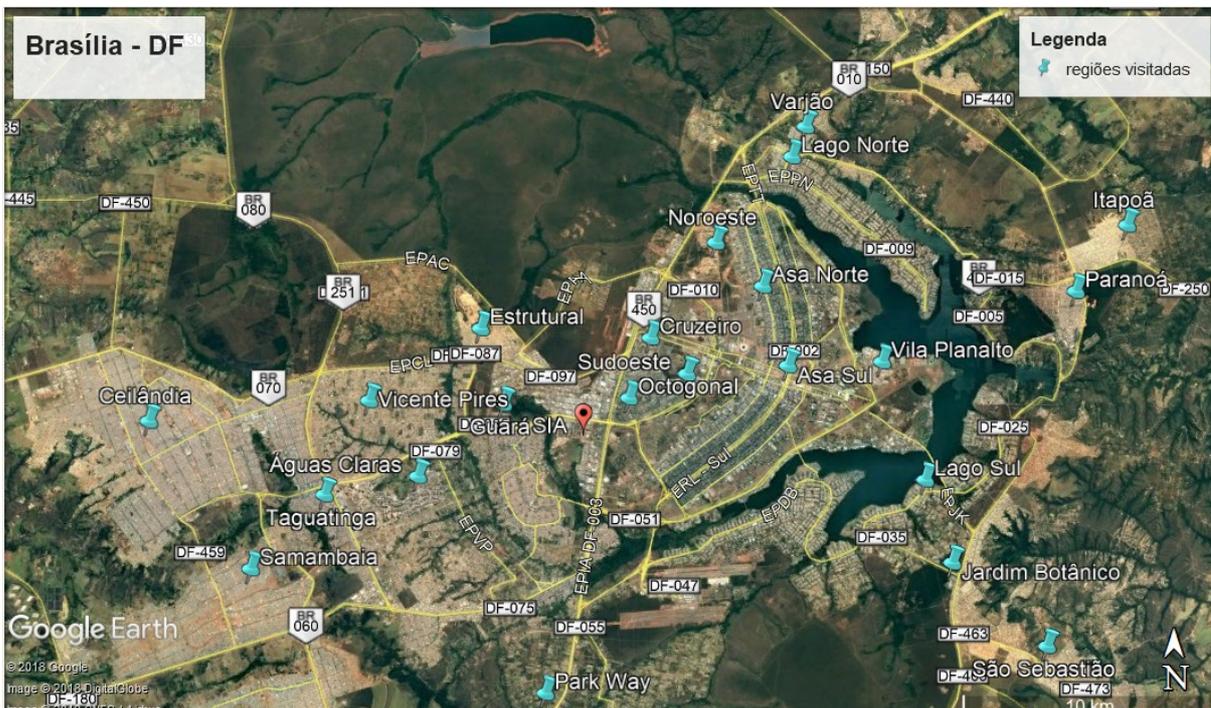
Fonte: Google Earth

Brasília

Em Brasília foram colados azulejos nas seguintes Regiões Administrativas: Ceilândia, Taguatinga, Águas Claras, Guará, Sudoeste, Asa Sul, Lago Sul, Jardim Botânico, Asa Norte, Lago Norte, Varjão.

Foram visitados locais como a Rodoviária, a Catedral, o Museu Nacional, CONIC, Teatro Nacional, Esplanada do Ministérios, bairros residenciais, Parque da Cidade, Setores Comercial e Hoteleiro, shoppings e restaurante, superquadra, Jardim Botânico de Brasília, Pontão, Praça do Relógio, Feira dos Importados, Ecofeira Mercado Sul, Parque de Águas Claras, Lago Paranoá, assentamentos na estrutural, dentre outros.

Figura 16 - Regiões visitadas no Distrito Federal



Fonte: Google Earth

Legenda: regiões visitadas no DF com escala gráfica de 10 km

Como se tratava da cidade nativa das pesquisadoras foi mais fácil ir a esses lugares, sempre em companhia de pelo menos mais um observador. As colagens de azulejos não ocorreram em todas as regiões administrativas mencionadas. Algumas não tinham muita infraestrutura, como Estrutural e Itapoã, outras não tinham mobiliário urbano em certos.

É interessante observar como a diversidade de usos (JACOBS, 2011) influencia diretamente na vivacidade da urbe. A região dos Setores Comercial Sul e Norte tem bastante fluxo durante o dia, porém durante a noite os olhos da rua se vão e a região torna-se ponto de marginalidade.

O traçado modernista da cidade, pensado inicialmente no deslocamento por automóveis torna as distâncias ainda maiores pois falta conexão entre os lugares e uma atenção maior ao pedestre. No caso de ciclovias, em Brasília várias, contudo falta novamente ligação entre ele e iluminação adequada.

Na foto seguinte é nítido como as cidades brasileiras ainda carecem de adaptabilidade não apenas para pedestres e ciclistas, mas também para portadores de necessidades especiais.

Figura 17 – Passagem subterrânea da 108 Sul durante Jane's Walk de maio



Fonte: ALVIM (2018)

Observa-se ainda o grande volume de intervenções feitas nesta mesma passagem subterrânea da 108 Sul.

Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro foram colados cerca de 40 azulejos espalhados pelas regiões do: Recreio, Barra da Tijuca, Jardim Botânico, Leblon, Lagoa Rodrigo de Freitas, Ipanema, Arpoador, Copacabana, Humaitá, Botafogo, Lapa, Santa Teresa, Cidade Nova, Centro e na região do Porto Maravilha (localizado no Centro). Totalizando quase 15 bairros diferentes.

Foram visitados monumentos como: Museu do Amanhã, na revitalizada Praça Mauá; Parque das Ruínas, localizado em Santa Teresa, bairro com topografia mais acentuada; arcos da Lapa; Escadaria Selarón; Jardim Botânico; Lagoa Rodrigo de Freitas; Praias do Leme, Copacabana, Ipanema, Leblon, Barra, Grumari; Pedra Bonita; Theatro Municipal; Centro; feiras; shoppings; museus e institutos; igrejas; lojas de rua e galeria; bares e restaurantes, contemplando, assim, uma ampla vivência pela cidade.

Figura 18 - Mapeamento dos bairros visitados no Rio de Janeiro



Fonte: Google Earth

Legenda: regiões visitadas no Rio de Janeiro com escala gráfica de 10 km

É nítido como a cidade é vibrante e encantadora, além de ser altamente receptiva a deslocamentos a pé. É aconchegante e acolhedora, em cada esquina há um bar ou restaurante diferente. Há vários atrativos para o pedestre e grande diversidade de usos, ponto muito positivo para a vida do lugar conforme Jacobs, 2011.

Figura 19 – centro do Rio de Janeiro em dia de semana

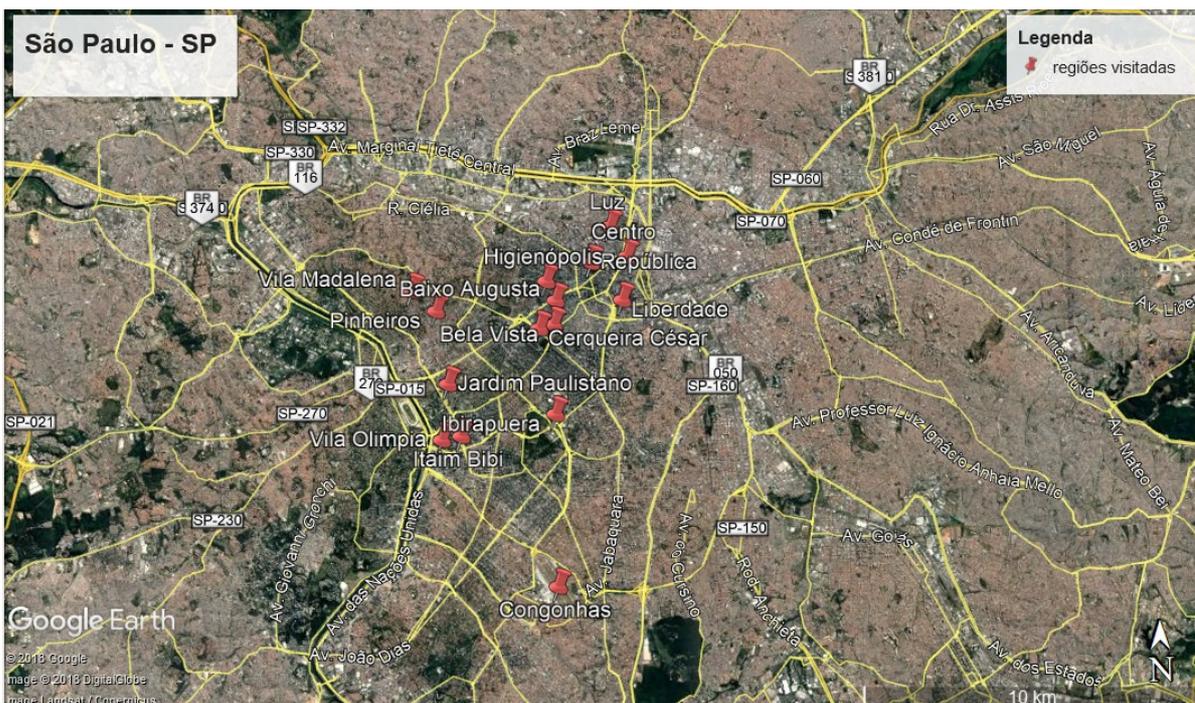


Fonte: ALVIM (2017)

São Paulo

Já em São Paulo foram visitados os seguintes bairros: Vila Madalena, Pinheiros, Jardim Paulistano, Itaim Bibi, Vila Olimpia, Congonhas, Bela Vista, Cerqueira César, Ibirapuera, Higienópolis, Baixo Augusta, Liberdade, República, Centro e Luz. Porém não foram colados azulejos em todos eles em virtude da forma urbana e da falta de mobiliário urbano em alguns locais, tendo em vista que a colagem dos azulejos não ocorria nas fachadas dos edifícios para não causar quaisquer constrangimentos com donos de imóveis. Em compensação foram colados vários azulejos em toda a extensão da Avenida Paulista, desde o IMS Paulista até a região da Japan House.

Figura 20 - Mapeamento dos bairros visitados em São Paulo



Fonte: Google Earth

Legenda: regiões visitadas em São Paulo com escala gráfica de 10 km

Foram visitados alguns locais como: IMS Paulista, Conjunto Nacional, MASP, Itaú Cultural, Japan House, 25 de Março, Mosteiro de São Bento, Feira da Liberdade, Mercado Municipal de SP, 25 de março, Pinacoteca do Estado, Estação da Luz, Teatro das Artes, Parque Ibirapuera, Shoppings, restaurantes, feiras, dentre outros.

A Avenida Paulista foi a via que mais foi visitada, em diferentes horários, pela manhã, tarde, noite e madrugada. E é nítido o quão vivaz é para cidade, cheia de história, carrega em si diferentes arquiteturas e edificações com alternância entre períodos antigos e contemporâneos, possui usos principais combinados, diversas vias adjacentes ao longo de sua extensão, calçadas largas, pontos de ônibus e de metrô, mobiliário urbano, praça, igreja, parque, centros culturais, institutos, escritórios, shopping e há inclusive residências ali bem próximo.

Jacobs (2011) já apontava a importância de se construir bairros mais seguros, habitáveis e dinâmicos. Para isso, apontava quatro condições que acreditava serem essenciais para que houvesse diversidade 'exuberante' nas ruas em espaços públicos urbanos, o que favorecia seu uso, portanto gerando fluxos e segurança.

- (a) Necessidade de usos principais combinados – diversidade de usos;
- (b) Necessidade de quadras curtas – maior conectividade entre os espaços;

- (c) Necessidade de prédios antigos – idades variadas dos prédios;
- (d) Necessidade de concentração – densidade urbana significativa.

E a Avenida Paulista então foi a que mais chamou atenção nos estudos no quesito diversidade, fluxo de pessoas durante o dia e a noite e vivacidade urbana.

Já no centro de São Paulo, próximo ao Mercado Municipal, por exemplo, houve maior dificuldade para colagem de azulejos pela diminuta presença de mobiliário urbano, já que os azulejos não eram colados nas fachadas. Também observou-se maior fluxo durante o dia e um esvaziamento à noite, tornando a região mais perigosa já que não haviam os olhos na rua (JACOBS, 2011).

São Paulo como um todo tem recebido cada vez mais intervenções urbanas, a arte de rua já compõe o cenário da urbe. As regiões de Pinheiros e Vila Madalena, por exemplo, tem em seus grafites atrativos turísticos, não apenas o conhecido o Beco do Batman mas também outras já espalhados pelo bairro, como pode ser observado abaixo.

Figura 21 – Grafites em Vila Madalena



Fonte: ALVIM (2018)

Na figura seguinte, azulejo colado no bairro de Vila Madalena, no Beco do Batman e feirinha que ocorria no local ao fundo. O espaço contemplava grafites de diferentes autores e vários turistas.

Figura 22 – Azulejo colado no Beco do Batman



Fonte: ALVIM (2018)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Intervenções visuais urbanas como ação comunicacional tratam, portanto, da significação e apropriação estética pela mediação do significado no espaço e vivência urbanos.

Evidencia-se, então, que a atividade interpretativa aqui projetada supera, em muito, qualquer intento meramente descritivo ou classificatório para, sim, estruturar a compreensão do ato comunicativo em si, isto é, da ação geradora de sentido.

Concluiu-se que enquanto a norma padrão é cada um cuida do seu espaço, as intervenções vêm com esse caráter transgressor e disruptivo, são práticas discursivas, ou seja, ações reveladoras de significados e falas, as quais têm ocupado espaço e merecido maior atenção, em especial na 2ª década do século XXI.

Assim, percebe-se então que a maior parte das intervenções urbanas expressam afetuosamente seus próprios habitantes. E que, portanto, cidades inteligentes não são apenas aquelas que viabilizam o uso da alta tecnologia, mas também aquelas que são canal comunicativo e via de expressão desses mesmos habitantes.

REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luis. **A prática da pesquisa em Comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões**. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. E-compós, Brasília, v.14, n.1, jan./abr. 2011.
- FERRARA, Lucrécia D. Do desenho ao design: um percurso semiótico? In: **Revista galáxia**. Nº 7. Abril 2004.
- GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- Gil, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**.- 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 26/07/2016.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria de La Acción comunicativa I - Racionalidad de La y racionalización social**. Madri: Taurus, 1987.
- HOHLFELDT, A. MARTINO, L.C.; FRANÇA, Vera V. (orgs.) **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- IBGE. Pesquisa de 2017. Link e data. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/16131-ibge-divulga-as-estimativas-populacionais-dos-municipios-para-2017.html> Acesso em 21/08/2018.
- JACOBS, Jane. **Morte e Vida das Grandes Cidades**. SP: Martins Fontes, 2011.
- LAMAS, José Manuel Ressano Garcia. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. SP: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- LERNER, Jaime. **Acupuntura urbana**. 5ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2011.
- MCLUHAN, Marshal. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 15ª reimpressão. São Paulo: Cultrix, 2007.
- PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele - A Arquitetura e os Sentidos**. Artmed, 2011.
- PEIRCE, Charles. Sanders. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- RUSSI, Pedro. **Provocações e ação do signo: “pichações”**. In: RUSSI, P. (org.) **Processos semióticos em comunicação**. Brasília: Editora UnB, 2013.
- RUSSI, Pedro. **Grafitis – Trazos de imaginación y espacios de encuentros**. Barcelona: Editorial UOC, 2015.
- SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hackers, 2001.
- SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2004.
- SILVA, Armando. **El grafiti como parte de los imaginarios urbanos**. 2006. Disponível em www.alonsogil.com/textos-articulos-3/Farmando-silva-el-graffiti-como-parte-de-los-imaginarios-urbanos

APÊNDICES

Apêndice A – Brasília

Figura A1 – Azulejo colado em Águas Claras - BSB



Fonte: ALVIM (2018)

Legenda: “#aruafala sente, ouve, cheira e se pronuncia! O que vc tem percebido? #contapragente”

Figura A2 – Azulejo colado na Estação 108 Sul - BSB



Fonte: ALVIM (2018)

Legenda: “Olha nosso azulejo aí, gente! Na saída do metrô da 108 S. #aruafala #bsb #publicspaces”⁵

⁵Azulejo colado em maio na participação do Janes Walk Bsb – movimento global de passeios a pé gratuitos, liderados localmente e inspirados por Jane Jacobs. .

Apêndice B – Rio de Janeiro

Figura B1 – Azulejo colado na Escadaria Selarón - RJ



Fonte: ALVIM (2017)

Figura B2 – Azulejo colado no Arpoador - RJ



Fonte: ALVIM (2017)

Apêndice C – São Paulo

Fotografia tirada na Feira da Liberdade - SP. Mostrando o azulejo colado em frente à entrada do metrô na Liberdade! Bairro oriental e maior reduto da comunidade japonesa fora do Japão!

Figura C1 – Azulejo colado na Liberdade -SP



Fonte: ALVIM (2018)

Fotografia de azulejo colado no Parque Ibirapuera – SP. Nesta ocasião foi publicado no Instagram @a.rua.fala “Estivemos no Ibirapuera um dia antes do feriado (de 1 de maio), ocasião em que o parque inteiro foi esvaziado por motivo de troca de tiros entre assaltantes e a polícia. O parque já voltou a funcionar normalmente... Mas o que a rua falou para cidade? O q vc ouviu? #aruafala #ouça #sampa #ibirapuera #pareepense”

Figura C2 – Azulejo colado no Parque Ibirapuera - SP



Fonte: ALVIM (2018)

Fotografias com o antes e depois do 1º azulejo colado em São Paulo, Avenida Paulista.

Figura C3 – Antes e depois do 1º azulejo colado em SP



Fonte: ALVIM, 2018

